

14.03.25

H

á dois anos, uma delegação portuguesa foi a Reykjavik, na Islândia, conhecer o chamado sistema das “better working hours”. O país nórdico não implementou uma semana de trabalho de quatro dias, optou sim por testar o conceito de “melhores horas de trabalho”. O projeto-piloto foi considerado um sucesso e acabou por ser estudado pela Comissão para a Igualdade de Género (CIG), conta **MARIA MINEIRO**, coordenadora dos EEA Grants Portugal, mecanismo financeiro que atua em vários domínios, da igualdade de género à transição verde na Europa. Este mecanismo nasceu do acordo do Espaço Económico Europeu, assinado no Porto, em 1992, e entrou em vigor em 1994. Há 30 anos que Portugal recebe dinheiro oriundo da Noruega, Islândia e Liechtenstein. As verbas têm sido aplicadas em projetos tão distintos como restauro de filmes e investigação científica com algas, tal como nos conta a jornalista Filipa Lino. Como exemplos, Maria Mineiro aponta a construção da linha da Alameda do Metropolitano de Lisboa, o restauro de edifícios históricos na paisagem de Sintra, como o Chalet da Condessa d’Edla, e a Central Geotérmica do Pico Alto. Atualmente, decorrem as negociações para o sexto ciclo, que injetará 126 milhões de euros no país. No total, ao longo de cinco mecanismos financeiros, foram apoiados mais de 800 projetos e investidos mais de 630 milhões de euros no país.

A presença dos **TRADUTORES-INTÉRPRETES** tornou-se rotineira na televisão portuguesa, quer em programas de informação, quer de entretenimento. Há caras que nos acompanham no dia a dia. Mas, para quem pode ouvir o que está a ser dito, será que, no meio da profusão de informação, estamos atentos ao que fazem? Apercebemo-nos realmente da sua presença? Quem são, afinal, os intérpretes para o mundo do silêncio? O jornalista Luís Francisco foi conhecê-los. Para Alexandra Ramos e Cidália Jesus, a ligação foi umbilical – ambas nasceram em famílias de surdos e a língua gestual portuguesa é a sua “língua materna”. Paula Teixeira e Carolina Silva não têm familiares surdos e o seu fascínio pela língua gestual surgiu de forma semelhante: a primeira despertou para este mundo na faculdade quando se deparou com um grupo de pessoas surdas que comunicavam numa “dança de mãos”. A segunda lembra-se de, “muito nova, com cinco ou seis anos, ter visto um casal de surdos à conversa” e ter ficado “fascinada”. Do mundo do silêncio, chegam-nos estas vozes que têm de ser ouvidas. Boas leituras e um bom fim de semana.



CV: Paragrafino Pescada tem o mérito inquestionável de ser sobrinho de Virgolino Faneca, que ao longo de quatro anos escreveu neste suplemento. É licenciado em Estudos Artísticos pela Universidade de Salónica com uma pós-graduação em Ciências da Vida, obtida no Café da Geninha. O seu ídolo é o tio, embora admire a capacidade pantomineira de Donald Trump. Nunca se engana e raramente tem dúvidas. Quando as tem, pergunta ao Nuno Rogeiro ou à Siri do iPhone. Gosta de jogar Cluedo e percebe à brava de semiótica, embora ninguém lhe tenha ensinado. É solteiro e do signo Caranguejo (se é que esta informação interessa a alguém).



LÚCIA CRESPO
Editora